

Miranda, o homem de US\$ 100 milhões

JORNAL DO BRASIL

BRASÍLIA — O dublê de senador e empresário Gilberto Miranda (PMDB-AM) chegou a Brasília em 68 com uma mão atrás e outra na frente. Vinha de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, que ele chamava, pretensiosamente, de *Black River City*. Não tinha sequer o curso ginásial. Morava no Cruzeiro, bairro de funcionários de baixo escalão, e tinha um *Temoso*, a versão mais barata do Gordini — carrinho popular dos anos 60. “Ele tinha uma idéia fixa, que era casar com um baú (mulher rica)”, conta um amigo da época.

Segundo esse amigo, Miranda arranjou emprego como professor de natação no late Clube de Brasília, mas logo encontrou o caminho que, 23 anos depois, o levaria a um patrimônio calculado por ele mesmo em US\$ 100 milhões: contrabando de uísque. “Ele abastecia as boates de Brasília”, conta um seu conhecido. “Mas o uísque era de boa qualidade”, ressalta, irônico, o amigo de outros tempos. “Eu não agüentei ver o Giba posar de vestal.”

A deputada Beth Azize (PDT-AM) vem acusando o senador de

prática de corrupção desde 88. Segundo ela, Miranda apresentava projetos na Zona Franca de Manaus com dinheiro da Suframa, conseguia de forma irregular liberação das cotas de importação de equipamentos para instalação de fábricas, e depois vendia as cotas. “Ele ficou rico assim”, diz ela. O senador seria hoje sócio de dezenas de empresas, muitas multinacionais. “Todo mundo tinha que pagar a ele.”

O senador foi, inclusive, objeto de denúncia do jornal *O Globo*, em 27 de abril de 91, acusado por Beth Azize de “corromper desde a Mesopotâmia”. Um trecho da reportagem diz: “O empresário Gilberto Miranda Batista, irmão do secretário de Desenvolvimento Regional, Egberto Batista (*do governo Collor*), é acusado de favorecimento dentro da Suframa desde 89...” Outro trecho diz que Miranda “foi o centro das atenções da antiga Comissão de Fiscalização da Câmara durante o depoimento do ex-superintendente da Suframa Jadir Carvalhedo”.

Os integrantes da comissão acusaram Carvalhedo de beneficiar Miranda no projeto de implantação da Reprofax Amazôni-

ca, que recebeu, em fevereiro de 89, cota inicial de US\$ 4,9 milhões. Dois meses depois, antes mesmo de serem iniciadas as obras, recebeu mais US\$ 21,3 milhões, quantia acima do limite legal. O deputado José Anibal (PSDB-SP) diz que Miranda “é um grande lobista da Zona Franca de Manaus”. Ele conta que em julho deste ano foi visitar, como representante da Comissão de Finanças da Câmara, a indústria Kia Motors do Brasil, coreana. A fábrica, que em tese produzia utilitários, não passava de um galpão camuflado sob o nome pomposo de “linha de montagem”.

Os veículos chegavam prontos a Manaus. O único trabalho era a colocação de duas portas. Depois, os veículos recebiam o carimbo “produzido na Zona Franca de Manaus”, com todos os incentivos fiscais das fábricas de verdade, como isenção de IPI e Imposto de Importação. “Essa armação foi feita com ele.”

Em São Paulo desde 73, Miranda conseguiu o *baú*: casou-se com uma prima de Chiquinho Scarpa, fundou uma empresa chamada Humana, para administrar

hospiatais do pai da mulher. “Ele hoje tem 11 hospitais no interior de São Paulo”, diz um velho conhecido. É tão esperto que, ao se separar da mulher, colocou-a para morar com os filhos em um apartamento, ficando com a mansão dos Scarpa — uma casa de mil metros quadrados. “Ele se orgulha de dizer que tem 150 empregados domésticos”, diz um jornalista.

Miranda alardeia seu patrimônio: Porche, Mercedes, Jaguar, 3 lanchas, 2 caminhonetes importadas, diversos imóveis, uma ilha, apartamento de cinco quartos em Nova Iorque, três jatos, um deles comprado de Nelson Piquet por US\$ 6 milhões. Um dos aviões de Miranda ficaria a serviço da deputada Roseana Sarney. A deputada Beth Azize diz que “Gilberto Miranda tinha muita força junto ao José Sarney, quando ele era presidente da República”. Não é por acaso que um dos melhores amigos de Miranda é o banqueiro Edemar Cid Ferreira, envolvido com o esquema PP, de Pedro Paulo Leoni Ramos, dos fundos de pensão, e que ganhou o Banco de Santos durante o governo Sarney.